

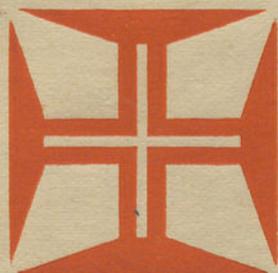
21

PORTUGAL

Geologia e Antropologia em Portugal

POR

A. A. MENDES CORREIA



EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA



GEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
EM PORTUGAL

PORTUGAL

Geologia e Antropologia em Portugal

POR

A. A. MENDES CORREIA



centro ciência viva
ROMULO DE CARVALHO

RC
MNCT
57
COR



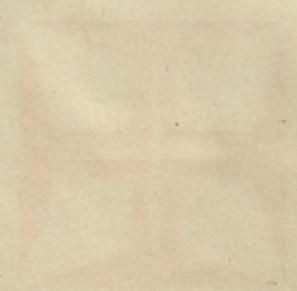
COMPRA

-8. JUL. 1976

EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

ARTIGO

Geologia e Antropologia
em Portugal



IMPRESA NACIONAL DE LISBOA
M · CM · XXIX

GEOLOGIA E ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL

OS ESTUDOS SCIENTIFICOS DE MINERALOGIA e Geologia desenvolvem-se demasiado tarde para que seja de estranhar não terem, entre nós, mais de um século as primeiras investigações amplas e metódicas no campo dessas sciências.

A Mineralogia só se constitui sôbre as bases sólidas da Química e da Cristalografia a partir do último quartel do século XVIII. Mais tardia é a floreação científica da Geologia. Mas de longínqua data vêm, em Portugal, como lá fora, esforços e concepções isoladas, mais ou menos interessantes e susceptíveis de inclusão no domínio dessas matérias.

A busca e a exploração de jazigos metalíferos remontam no País a épocas anteriores à vinda dos romanos. Primeiro o cobre e o ouro, depois o estanho, são procurados nessas remotas eras e continuam a sê-lo no período romano e subseqüentes. ESTRABÃO, SÍLIO, PLÍNIO, inscrições, achados arqueológicos, testemunham exuberantemente o facto. Constituída a Nação Portuguesa, os monarcas tomam providências que atestam o interêsse pelas explorações mineiras. São particularmente dignas de registo as medidas decretadas por D. Dinis, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II e D. Manuel. Havia concessões de minas de cobre, estanho, enxôfre, azeviche (lignite), ferro, chumbo, etc. O acesso e as perspectivas das riquezas de além-mar desviam bastante os olhares, no século XVI, do território continental, para o qual só se volveriam mais tarde, com vicissitudes várias.

Nos meios cultivados portugueses dos séculos XVI e XVII as principais fontes de estudo, em matéria de Mineralogia e Geologia, eram, como noutras sciências físico-naturais, os autores da antiguidade. Embora os investigadores árabes, como AVICENA, e outros autores medievos, como SANTO ISIDORO DE SEVILHA e ALBERTO O GRANDE, tivessem consagrado certa atenção a alguns assuntos dêsses ramos de saber, os progressos não eram tais que o testemunho de PLÍNIO, por exemplo, não apparecesse naqueles séculos ainda quasi como de actualidade, tal qual um milénio antes fôra para o autor das *Etimologias* (o citado Santo Isidoro).

Nas séculos referidos os assuntos da natureza não deixavam de interessar muitos, mas as atenções, em geral, fixavam-se de preferência sôbre factos de aspecto mais estranho, mais impressionante ou mais imediatamente utilitário.

Os estudos especulativos, de resto, sobrelevavam aos destas sciências de observação. D. Manuel determinou que na Universidade funcionasse uma cátedra de Filosofia Natural, cujo ensino, porém, se reduzia ao comentário de ARISTÓTELES e de S. TOMÁS. ANTÓNIO LUÍS, que ensinava ARISTÓTELES na Universidade em 1547, teria tido, na opinião do Sr. JOAQUIM BENSÁUDE, o pressentimento da teoria newtoniana da atracção universal. Na segunda metade do século XVI já o ensino estava, quasi exclusivamente, a cargo da Companhia de Jesus, que, tendo fornecido investigadores notáveis noutros domínios, não tirou, porém, no que respeita às sciências geológicas, o partido que poderia tirar, da admirável amplificação do horizonte geográfico, realizada pelo esforço gigantesco dos portugueses. Verdade seja que faltavam os métodos modernos de investigação nestas sciências. Mas, se o curso de filosofia ou de artes visava a formação scientifica dos espíritos, o *Ratio studiorum* marcava-lhe um objectivo essencialmente moral e teológico. Nessa época o jesuíta MANUEL DE GÓIS comenta a física de ARISTÓTELES, estabelece os três princípios das cousas físicas (matéria, forma e privação), procura as causas dos factos naturais e ocupa-se dos ventos, do mar, dos rios, das fontes, dos metais, dos terremotos, do fogo subterrâneo, etc., longe ainda, por certo, das concepções scientificas modernas.

Os navegadores e viajantes portugueses preocupavam-se, desde o início da nossa expansão descobridora, com muitos factos da natureza — correntes marítimas, regimes de ventos, riquezas das terras descobertas em gemas e metais preciosos, etc. Os grandes AFONSO DE ALBUQUERQUE e JOÃO DE CASTRO forneceram uma explicação da côr do Mar Vermelho, a qual os impressionara. Nos relatos dos nossos viajantes (como quasi no limiar do século XIX se poderia ainda notar na *Geografia* do próprio KANT) suscitavam especial menção as curiosidades naturais — as *Merkwürdigkeiten* daquele trabalho do filósofo alemão.

As ilusões do *Eldorado* (variante de um velho tema, suscitada pela descoberta da América), ou das *ilhas do Ouro e da Prata* nos mares orientais, embalariam muitos espíritos. Dominavam a mentalidade da época superstições e erros que a Inquisição protegeria durante o século xvii e até ainda no seguinte, segregando os espíritos, o mais possível, de novas ideias e tendências. E, no entanto, anteriormente, a mentalidade de alguns portugueses não era assim. O SR. LÚCIO DE AZEVEDO conta que, por ocasião do terramoto de 1531, se propagou no País tratar-se de um castigo divino pelas heresias permitidas, contra o que se elevou, porém, GIL VICENTE, que fez em Santarém, perante o clero da cidade, um discurso no qual sustentou que o terramoto era um fenómeno natural e não uma prova da cólera de Deus. Acrescenta o SR. LÚCIO DE AZEVEDO: «Alta manifestação de um espírito superior às superstições do tempo e acto raro de coragem numa assemblea de padres».

Embora, como dissemos, só no século xix se constituíssem em bases sólidas as ciências em questão, cumpre reconhecer que, apesar de todas as peias misonéistas, o século xviii é, em Portugal, como noutros países, um período de intensa elaboração intelectual e científica. Inegavelmente a fundação, em 1772, pelo MARQUÊS DE POMBAL, na Universidade de Coimbra, da Faculdade de Filosofia e da cadeira de História Natural, para cuja regência foi chamado o naturalista DOMINGOS VANDELLI, marca um dos factos culminantes desse século na renovação científica do País. Mas seria injusto esquecer esforços anteriores e outros que, independentemente da acção reformadora de Pombal e até em muitos casos em conflito com este, denunciam uma viva fermentação intelectual, precursora de um novo estado de pensamento e à qual os escritos do empirista VERNEY, do protestante CAVALEIRO DE OLIVEIRA e de outros imprimiam as notas mais revolucionárias.

O médico JACOB DE CASTRO SARMENTO (1691-1760), que foi sócio da Sociedade Real de Londres, publica um estudo *Teoria das marés segundo Newton*, assunto que interessaria também BENTO DE MOURA PORTUGAL e outros. O jesuíta PADRE DIOGO SOARES, falecido em 1748, deixa escrita uma *História Natural do Estado do Brasil*. Outro jesuíta, o PADRE JOÃO DANIEL (1722-1776), natural de Viseu, elabora o *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*, e outras narrativas são publicadas sobre países de além-mar por membros da Companhia.

O rei D. João V possuía um museu que foi destruído pelo terramoto de 1755 e no qual existiam exemplares mineralógicos interessantes. Parece que a acção deste monarca para o fomento das ciências foi, na verdade, mais importante do que durante muito tempo se supôs, sendo para notar no seu reinado, além da fundação da Real Academia da História, a realização de algumas missões de estudo no estrangeiro. O terramoto de 1755 despertou no País e fora dele um vivo interesse por questões geológicas. Sobre o ca-

taclismo que inspirou as penas de KANT, VOLTAIRE, GÖTTE, etc., escreveram-se dissertações como as de RIBEIRO SANCHES, médico ilustre (1699-1783), e JOAQUIM JOSÉ MOREIRA DE MENDONÇA (1758). Contra a tendência dominante de atribuir êsses factos à cólera divina, procura-se a sua explicação científica. MENDONÇA admite a origem diluviana dos fósseis e a verosimilhança da Atlântida de PLATÃO, fabulosa para FEIJÓ, sendo interessante referir que o primeiro não deixa de consignar a tradição de que a terra portuguesa se prolongaria a ocidente, tendo as Berlengas sido separadas, por terramotos, da terra firme em que estavam incorporadas.

Quási simultâneamente (1762) dois padres da congregação do Oratório, MANUEL ÁLVARES e TEODORO DE ALMEIDA, publicam dissertações sôbre assuntos geológicos. O primeiro escreve uma *História da Criação do Mundo conforme as ideas de Moisés*. Ai discute as doutrinas dos jônicos, platônicos, estóicos, eleatas, epicuristas, cartesianos, etc., abraça (apenas como hipótese) o sistema de COPÉRNICO (condenado pela Inquisição em 1616, mas por esta tolerado depois, não como *tese* mas como *hipótese*), expõe uma teoria própria e discute qual a *estação* do ano em que foi criado o mundo, quais o local e as árvores do Paraíso, etc. Emite a opinião de que os fósseis foram introduzidos pelo mar na Terra sêca no *quinto dia da criação* e de que as camadas terrestres horizontais foram formadas em *diversos tempos* pela união de particulas resultantes do incêndio da Terra... Fala das revoluções terrestres e manifesta-se a favor das doutrinas plutonianas.

Mais valiosa e interessante é a parte da *Recreação filosófica* do PADRE TEODORO DE ALMEIDA (1722-1804), que se refere a assuntos geológicos. Com um sólido conhecimento da sciência da sua época, sobretudo da Matemática e da Física, o PADRE TEODORO mostra-se, quanto à História da Terra, particularmente afeiçoado às ideas, então recentes, de BUFFON. Não atribui os fósseis ao dilúvio, nem os estratos terrestres a acções ígneas, mas uns e outros a depósitos sedimentares em regiões cobertas outrora por águas do mar. Explica os terramotos pela fermentação subterrânea de minerais, sobretudo enxôfre, e cita a célebre experiência de LEMERÍ. Embora muitas das concepções por êle expostas estejam hoje abandonadas, é justo outorgar ao PADRE TEODORO DE ALMEIDA uma alta categoria científica para o seu tempo. Foi sócio da Real Sociedade de Londres. Fugindo às violências do Marquês de Pombal e porventura aos motejos ignaros de muitos compatriotas, viveu e ensinou largos anos no estrangeiro.

Merece especial menção o inquérito mandado fazer pelo MARQUÊS DE POMBAL em todo o País sôbre as ocorrências do terramoto de 1755 nos vários lugares. O questionário, elaborado numa data em que a sismologia moderna nem sequer ainda estava em esbôço, como acentuou MONTESSUS DE BALLORE, mostra uma previsão quási genial desta sciência. Nas respostas e nas *Memó-*

rias *Paroquiais* da Tôrre do Tombo havia quási todos os elementos para o estudo dêsse terramoto à luz dos modernos conhecimentos sismológicos, estudo há poucos anos levado a efeito pelo PROFESSOR PEREIRA DE SOUSA.

As citadas *Memórias Paroquiais* foram uma reedição, no tempo de Pombal, da iniciativa do autor do *Dicionário geográfico*, o padre oratoriano LUÍS CARDOSO, que conseguiu uma ordem de D. João V para que os párocos enviassem respostas a várias perguntas sôbre terras, serras e rios de Portugal. Estas primeiras relações desapareceram no terramoto de 1755. O novo questionário já aludia ao terramoto, apresentando algumas diferenças relativamente ao anterior.

Em 1786 o jurista BALTASAR DA SILVA LISBOÁ publica um *Discurso histórico e económico dos progressos da Filosofia Natural Portuguesa, acompanhado de algumas reflexões sôbre o Estado do Brasil*, e aí se ocupa, successivamente, do referido Museu de D. João V, onde havia maravilhosas «produções da Natureza»; do reconhecimento pelo Marquês da utilidade de viagens de naturalistas dentro e fora do País; das descobertas pelo VISCONDE DE BARBACENA de mármore nobres e minas de ferro nos arredores de Coimbra; da existência de minas e pedreiras importantes em vários pontos de Portugal, Angola e Brasil; da exploração mineralógica de JOAQUIM VICENTE PEREIRA, por iniciativa do Arcebispo de Braga, na Serra do Gerez; das instruções da Academia Real das Ciências (1781) para obter exemplares de história natural; de explorações mineralógicas no Marão, em Viseu, em Marvão, em Sintra, Mafra, Arrábida, etc.

No fim do século XVIII o Governo Português enviou em missões científicas às colónias alguns naturalistas, como ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA e JOÃO DA SILVA FEIJÓ, o primeiro ao Brasil e o segundo a Cabo Verde. FERREIRA ocupou-se particularmente da geografia, etnografia, botânica e zoologia, mas têm interêsse, para o nosso ponto de vista, as suas visitas às lavras de ouro da Cuaiabá, à gruta do Inferno (de Nova Coimbra), a várias bacias hidrográficas, etc. Então, como em todo o século XVII, a pesquisa do ouro no Brasil era feita intensamente, tendo começado a alcançar êxito no final dêsse século. No princípio do século XIX atingia ali grande actividade a mineração do ferro. O citado JOÃO DA SILVA FEIJÓ fez a exploração física e mineralógica de Cabo Verde e da região continental fronteira (1783).

Nomes numerosos ilustram a história dêstes estudos em Portugal no fim do século XVIII e princípio do século XIX. O abade CORREIA DA SERRA, sobretudo botânico, consagra-se também às sciências geológicas, e, do mesmo modo, o italiano DOMINGOS VANDELLI, que no 1.^o vol. das *Memórias* da Academia publica um estudo de vulcanologia portuguesa, aliás inexacto no que respeita à Serra da Estrêla. MANUEL FERREIRA DA CÂMARA BETTENCOURT é discípulo de WERNER, em Freyberg, e publica na Alemanha um estudo sôbre

minas de chumbo e de prata (1795). JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, conchiologista, ensina mineralogia no Rio de Janeiro e assume a direcção do Museu Real (1816), hoje Museu Nacional. Cuidam igualmente de assuntos mineralógicos e geológicos D. JOAQUIM LÔBO (Conde de Oriola), conhecido na Alemanha, JOAQUIM PEDRO FRAGOSO DE SEQUEIRA, o cristalógrafo JOÃO ANTÓNIO MONTEIRO, da Universidade de Coimbra, e MANUEL JOSÉ BARJONA (1760-1831), também professor coimbricense.

Muitos dêles preocupam-se de preferência com questões mineiras ou metalúrgicas. Entre êles adquiriu, porém, maior celebridade o propugnador da independência brasileira e professor da Universidade de Coimbra, JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA (1763-1838), que estudou com HAÛY, WERNER, etc., fez investigações em minas estrangeiras e descobriu algumas espécies minerais bem determinadas, sendo as suas descobertas citadas por autores estrangeiros da especialidade. JOSÉ BONIFÁCIO foi secretário da Academia Real das Ciências. Foi êle que fez o elogio histórico de D. Maria I, a qual o mandou ao estrangeiro em missão de estudo. Apesar dos seus méritos científicos, teve naturalmente maior nomeada como homem público.

Dataria ainda do século XVIII um dos primeiros estudos geológicos de Portugal dignos de interêsse: consta, segundo CHOFFAT, de quatro cartas de DÉODAT DE DOLOMIEU endereçadas a um compatriota, nas quais havia curiosas observações sôbre o vulcanismo nos arredores de Lisboa. Outros estrangeiros, além de VANDELLI e DOLOMIEU, se ocuparam da geologia portuguesa, como veremos. LINK, no fim do século XVIII, percorre o País e, numa descrição geognóstica dêste, atribui ao basalto, contra DOLOMIEU, uma origem aquosa. Na primeira metade do século XIX cabe mencionar sucessivamente o BARÃO DE ESCHWEGE, Intendente de Minas e Metais, que publica trabalhos geológicos vários, dos quais alguns nas *Memórias* da Academia, CHARLES BONNET, que fez a primeira descrição geológica do Algarve, e sobretudo DANIEL SHARPE, que é considerado o fundador da paleontologia portuguesa. GEOFFROY-ST. HILAIRE, na sua viagem a Lisboa em 1808, recolheu nas colecções portuguesas muitos minerais e fósseis, que, como outros exemplares de história natural, levou para Paris. Havia já então em Portugal vários museus de História Natural, entre os quais o da Academia, o da Ajuda, e algumas colecções particulares.

A despeito do número de estrangeiros que se ocupam de história natural portuguesa, o esforço dos nacionais não é, porém, para desprezar. É certo que da cadeira coimbrã de História Natural a primeira disciplina a destacar-se, autónoma, fôra a Botânica. Durante muitos anos a Zoologia esteve associada na mesma cátedra com a Mineralogia e Geologia, associação híbrida que existiu também até 1883 na Academia Politécnica do Pôrto. Em 1801 era criada na Universidade a cadeira de Metalurgia. Só em 1836 eram

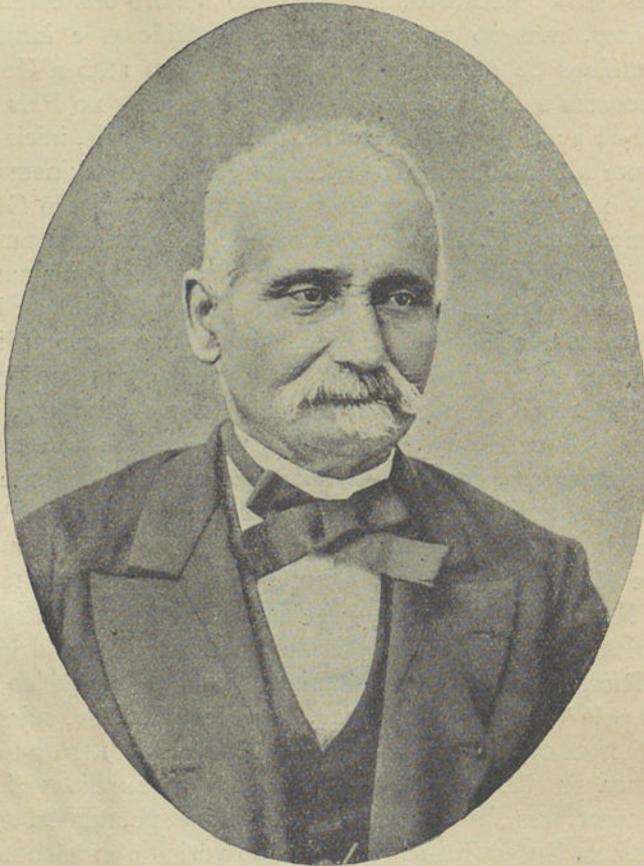
em Coimbra separadas da Zoologia a Mineralogia e a Geologia. Em 1837 LUIS DA SILVA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE publica nas *Memórias* da Academia, em que então colabora também ESCHWEGE, um estudo geológico da Ilha da Madeira. Na mesma data surge, do extinto Colégio dos Nobres de Lisboa, a Escola Politécnica, e no Pôrto, a Real Academia de Marinha e Comércio é transformada na Academia Politécnica. O ensino da história natural, especialmente nas suas aplicações, faz parte do quadro dos estudos dos novos estabelecimentos, mas só tardiamente se intensificam e individualizam os estudos científicos de mineralogia e geologia. Em 1845 a Universidade de Coimbra preconiza a realização de viagens científicas no País para o conhecimento de toda a sua história natural e, dois anos depois, inicia-se no mesmo estabelecimento a classificação dos exemplares do seu gabinete mineralógico.

Em 1848 o Governo Português organiza uma Comissão Geológica, presidida pelo engenheiro C. BONNET, que recebe da Academia umas instruções para o estudo geológico e mineralógico do País. A comissão inaugura os seus trabalhos no ano seguinte, percorrendo o sul do País, de que levantou uma carta geográfica na escala 1:833.333, reduzida a 1:200.000 (1852). Em 1855 foi constituída outra comissão a que pertenciam os professores da Escola Politécnica, FRANCISCO PEREIRA DA COSTA e ISIDORO BAPTISTA, e o oficial de artilharia CARLOS RIBEIRO, o qual tam merecido renome viria a adquirir pelos seus estudos geológicos, devendo justificadamente considerar-se um iniciador e a mais gloriosa individualidade da Geologia portuguesa. Porém, só em 1857 era constituída novamente, e logo entrava numa intensa actividade, a Comissão Geológica de Portugal. Compunham-na CARLOS RIBEIRO, PEREIRA DA COSTA e NERY DELGADO, sendo presidente o lente de Astronomia da Escola Politécnica e director da Comissão Geodésica, general FILIPE FOLQUE.

CARLOS RIBEIRO é a figura dominante no esforço magnífico desenvolvido durante anos pela Comissão Geológica. Conheceu SHARPE, cujas inexactidões estratigráficas necessitavam de correcção. Teve desde 1849 na cultura biológica de PEREIRA DA COSTA, que era médico, um auxilio valioso. Estudou primeiro os caracteres fundamentais do território português, mais tarde entrou nos detalhes. Sucessivamente, foi tendo vários e excelentes colaboradores, com os quais dividia o trabalho. NERY DELGADO especializou-se no precâmbrico e no paleozóico. PAUL CHOFFAT, que RIBEIRO conheceu em Paris no Congresso Internacional de Geologia de 1878 e chamou ao Serviço Geológico Português, ocupou-se sobretudo do mesozóico. PEREIRA DA COSTA e mais tarde BERKELEY COTTER estudaram o terciário marinho, cabendo mais recentemente a ANTÓNIO TÔRRES e a ROMAN o estudo do terciário lacustre. Continuando os estudos paleobotânicos de BERNARDINO A. GOMES, o professor da Academia Politécnica do Pôrto, WENCESLAU DE LIMA, que foi depois Ministro e chefe do Governo, consagrou-se à flora do permo-carbónico

e do cretaico superior. Outros especialistas colaboraram nos Serviços Geológicos.

Em 1876 CARLOS RIBEIRO e NERY DELGADO tinham já conseguido publicar uma carta geológica de Portugal a 1 : 500.000. As explorações de CARLOS RIBEIRO, PEREIRA DA COSTA e NERY DELGADO, de que havia resultado a desco-



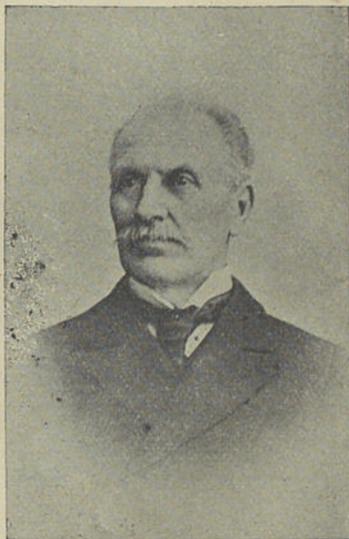
CARLOS RIBEIRO

berta de vestígios certos ou duvidosos da actividade humana pre-histórica, atraíram de tal modo as atenções dos arqueólogos e antropologistas que em 1880 se realizava em Lisboa, com êxito magnífico, um Congresso Internacional, de que adiante volveremos a falar, na parte respeitante à Antropologia portuguesa.

Dois anos depois dessa notável reunião científica falecia o glorioso investigador, sendo substituído na direcção da Secção Geológica pelo seu ilus-

tre colaborador de mais de vinte anos, NERY DELGADO, que nesse lugar permaneceria até a sua morte.

CARLOS RIBEIRO teve, como dissemos, merecida celebridade. CAMILO CASTELO BRANCO, num opúsculo, em que, entre narrativas porventura menos discretas de episódios vários, traçou aspectos íntimos do seu nobre perfil moral e afectivo, escreve: «Entre os 15 e os 16 anos fingia eu que estudava química na Politécnica do Pôrto. CARLOS RIBEIRO, naquele ano, 1844, já tenente, com 30 anos de idade, completava matemática com sinceridade e aproveitamento. Era de estatura mediana, refeito, de espáduas fortes, rosto redondo, purpurino, com um pequeno bigode cortado na comissura dos lábios muito nacarinos. Grave nas falas, muito delicado em conselhos e atenções com os cábulas; e simpatizava com a minha modesta ignorância, que êle... ingenuamente atribuía a eu não possuir compêndio de química—uma coisa bastante necessária a quem se matricula». Quási no final do opúsculo diz o grande romancista português: «Em 1845, ao deixar o Pôrto e a química para ir jurar bandeiras na boémia de Coimbra, despedi-me de CARLOS RIBEIRO e nunca mais o vi... Pois que as nossas pesquisas paleontológicas eram em mundos diversos, nunca mais nos encontrámos. Olhávamos as cumiadas de montanhas em horizontes opostos: êle—para o acume da Sciência, a desvendar os segredos do Génesis; eu—para a Arte, a subjectividade estéril. O arqueólogo pelo pregão dos mestres europeus assumiu a eminência; depois morreu; mas está na posse da imortalidade».



NERY DELGADO

Um geólogo estrangeiro que (como CHOFFAT) veio há alguns anos trazer ao nosso País o concurso da sua especialização, o Sr. PROFESSOR E. FLEURY, escreveu de CARLOS RIBEIRO: «Se SHARPE pode ser considerado o fundador da paleontologia portuguesa, CARLOS RIBEIRO é o mestre da Geologia». E acrescenta: «CARLOS RIBEIRO era um excelente observador e um grande trabalhador, mas formara-se por si mesmo pela fôrça da vontade e deparou com grandes dificuldades... A sua obra honra-o, entretanto, o mais possível». Registemos ainda o especial interêsse do seu estudo sôbre a arborização do País.

A Secção dos Trabalhos Geológicos (que em 1868 atravessara uma crise, sendo o seu já valioso Museu incorporado no da Escola Politécnica e

entregue ao professor de Mineralogia e Geologia da mesma Escola a direcção daqueles trabalhos, e que vovlera no ano seguinte à actividade assim lamenzavelmente interrompida) prosseguiu, sob a superintendência de NERY DELGADO, o labor que até a morte de CARLOS RIBEIRO desenvolvera. Com a cola-



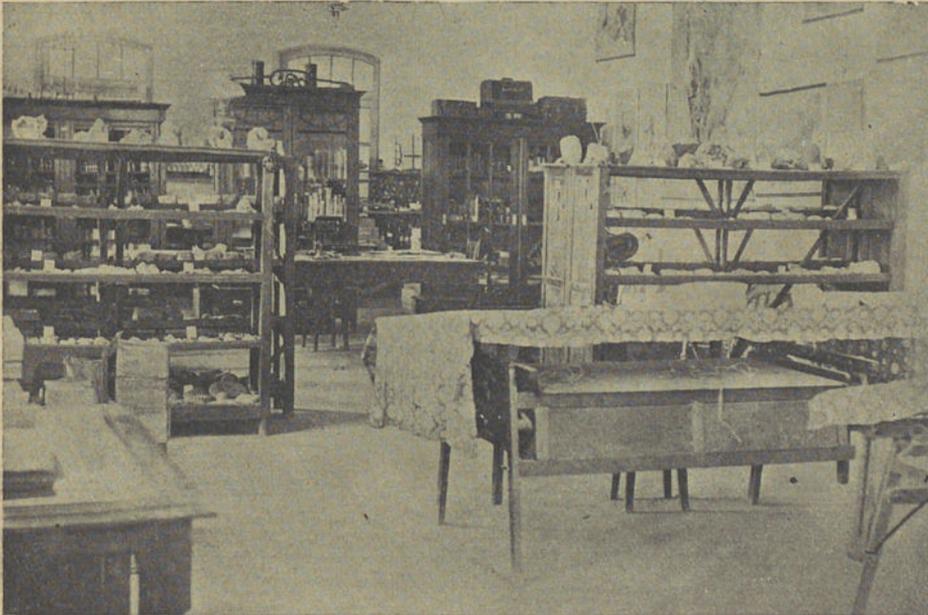
MUSEU DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL
Sala de Paleontologia

boração de PAUL CHOFFAT, DELGADO publica em 1889 uma nova carta geológica de Portugal à 1 : 500.000. Falecido em 1908, NERY DELGADO deixava uma importante bibliografia, em que especializaremos os estudos sôbre o paleozóico português, sôbre as grutas de Furninha e Cezareda, e sôbre glaciologia, assunto de que também se ocuparam outros autores, como FREDERICO DE VASCONCELOS, PAUL CHOFFAT e E. FLEURY.

PAUL CHOFFAT (1849-1919), além dos seus trabalhos sôbre o Jura, deu à estampa cêrca de 200 estudos sôbre estratigrafia, paleontologia, pre-história, tectónica, sismologia, vulcanologia, glaciologia, cartografia, geologia aplicada, etc., de Portugal e ainda sôbre geologia das colónias portuguesas, sobretudo Angola e Moçambique. Deve-se lhe um esbôço de carta tectónica de Portugal (1907), a primeira tentativa realizada. Os seus estudos da tectónica da Serra

da Arrábida são citados por SUESS em *Das Antliq der Erde*. CHOFFAT foi, a bem dizer, um português de adopção, tam grandes serviços prestou ao nosso País e tanto amor por êste manifestou durante a sua permanência de quarenta anos entre nós.

Aos colaboradores, já citados, dos Serviços Geológicos, poderíamos acrescentar muitos outros nomes, além mesmo daqueles que foram, como alguns paleontologistas estrangeiros, chamados eventualmente a prestar o concurso das suas especializações. As *Memórias* e as *Comunicações* publicadas, desde 1865 e 1883 respectivamente, por estes Serviços, constituem uma brilhante biblioteca e dão a medida dos esforços ali desenvolvidos nos variados domínios da Mineralogia e da Geologia, incluindo, sobretudo recentemente, o estudo tam necessário de alguns dos nossos territórios coloniais, em especial de Angola. O Museu dos Serviços Geológicos contém colecções de antropologia e arqueologia pre-histórica, de paleontologia, estratigrafia, de



MISSÃO GEOLÓGICA DE ANGOLA
Primeira sala de trabalhos

mineralogia, de petrografia, de zoologia aplicada, das colónias e do estrangeiro. Não deixaremos de aludir aos trabalhos dos professores ALFREDO BENSÁUDE, do Instituto Superior Técnico, e VICENTE DE SOUSA BRANDÃO, da antiga Escola Politécnica de Lisboa, particularmente em Mineralogia

e Petrografia. Não está, porém, ainda publicada a carta minerográfica do País.

Nem só nos Serviços Geológicos, ligados desde 1901 mais ou menos com a Direcção de Minas, se exerceu e exerce uma actividade digna de apêço, no respectivo domínio científico. Esta instituição desempenhou um papel primacial, mas é necessário não esquecer que, se vários dos seus membros não pertenciam a outros centros nacionais de investigação, muitos



MISSÃO GEOLÓGICA DE ANGOLA

Colectores instruindo os indígenas na pesquisa geológica

tem havido que de centros diversos ali têm levado o seu concurso. Na Escola Politécnica de Lisboa, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, na Academia Politécnica do Pôrto, e, depois de 1911, nas Faculdades de Ciências das Universidades de Lisboa, Coimbra e Pôrto e no Instituto Superior Técnico de Lisboa existiram ou existem laboratórios e museus de mineralogia e geologia, em que, além do ensino destas disciplinas e das especia-

lidades em que elas se subdividem, se tem procedido com maior ou menor intensidade a trabalhos de investigação.

A sismologia portuguesa e a geologia de Portugal continental e colonial têm sido ultimamente objecto de estudos importantes de investigadores das escolas superiores de Lisboa. No Museu da Faculdade de Ciências estão sendo remodeladas preciosas colecções de muitos milhares de espécies mineralógicas diferentes e amostras petrológicas e paleontológicas do País, colónias e estrangeiro, e existe uma secção colonial, criada há anos pelo professor FREIRE DE ANDRADE, da qual saíram já vários estudos sôbre Cabo Verde, Angola e Moçambique. Constituiu-se nesse importante centro de trabalho a missão geológica de Angola, que realizou já valiosas investigações naquela província, cuja exploração geológica, intensa, ampla e metódica, constitui um modelo a adoptar nos estudos científicos das restantes colónias, honrando quem a promoveu e quem a levou a efeito. A Faculdade de Ciências de Lisboa substituiu em 1911 a antiga Escola Politécnica, de que já mencionamos alguns professores, mineralogistas ou geólogos distintos, devendo,

porém, acrescentar ainda, à lista dos seus professores de mineralogia e geologia, o nome ilustre de LATINO COELHO, que se notabilizou sobretudo como historiógrafo e homem de letras.

Os estudos de Física do globo e de litologia colonial estão também sendo realizados na Faculdade de Ciências de Coimbra, que substituiu as antigas Faculdades de Matemática e Filosofia. Temos citado mineralogistas distintos que pertenceram a esta última Faculdade, e aludido à colecção histórico-natural desta. Mas a actividade científica, como dissemos, não esmoreceu ali neste campo. O Museu Mineralógico e Geológico iniciou em 1921 a publicação de uma série de *Memórias e Notícias*, que, com outros trabalhos, dão a medida dessa actividade. Aos professores conimbricenses de ciências geológicas já indicados é justo acrescentar o nome do erudito DR. GONÇALVES GUIMARÃES, falecido em 1919, que publicou vários trabalhos didácticos dessas sciências e do qual o seu antigo discípulo, depois seu colega e continuador, o SR. PROFESSOR ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO, escreveu: «...eleveu entre nós o ensino da cristalografia, moldando-o no dos mais notáveis cristalógrafos actuais... Imprimiu novo impulso ao ensino e à secção de mineralogia e geologia do Museu de História Natural... Não pode deixar de admirar-se no DR. GONÇALVES GUIMARÃES a aliança, tam rara entre os cultores das sciências naturais, do espírito de observação e de investigação com a tendência para os estudos literários de mero carácter erudito».

Na Faculdade de Ciências do Pôrto, herdeira da tradição da antiga Academia Politécnica, de que fez parte o já citado PROFESSOR WENCESLAU DE LIMA, paleontologista distinto, tem-se trabalhado nos últimos anos activamente na classificação de minerais portugueses e na remodelação da colecção de estratigrafia de Portugal.

A resenha feita, forçosamente sumária e lacunar¹, mostra que, embora (como diz, no seu elogio de CHOFFAT, o PROFESSOR FLEURY) a Geologia seja em Portugal, de todas as sciências naturais, a mais abandonada, nem por isso lhe tem faltado cultores meritórios que nos dignificam perante o estrangeiro e que tem penetrado com dedicada competência no conhecimento da estrutura da terra portuguesa. O ensino superior de mineralogia, petrografia,

¹ Pela sua extensão, omite-se a bibliografia. Citaremos entretanto alguns autores como: SILVESTRE RIBEIRO, INOCÊNCIO, FILIPE SIMÕES, LATINO COELHO, CHOFFAT, FLEURY e OLIVEIRA SIMÕES. Na notícia sobre a Antropologia caberia citar, entre muitos autores, COSTA FERREIRA, CARLOS FRANÇA, o jesuíta FRANCISCO RODRIGUES, etc.

Cabe-nos consignar os melhores agradecimentos a todas as pessoas e institutos que nos forneceram informes e documentos, devendo especializar os SRS. ENGENHEIRO ARTUR COHEN, director do Serviço Geológico, e DR. SOUSA TÔRRES, chefe da Missão Geológica de Angola.

cristalografia, geografia física, geologia e paleontologia, o ensino cada vez mais intenso dos elementos dessas sciências nos cursos secundários, a larga divulgação das noções respectivas em publicações numerosas, contribuirão ainda para estimular em Portugal o interesse por essa ordem de estudos, de tam amplas applicações e utilidades.

*

A actividade de CARLOS RIBEIRO, PEREIRA DA COSTA e outros membros da Comissão Geológica, no domínio da Arqueologia e Antropologia pre-históricas, as explorações por êles realizadas, a constituição da secção respectiva no Museu daquela Comissão, a interferência desta no Congresso de 1880, relacionaram intimamente, no nosso País, a Geologia e a Antropologia. Esta sciência, em cujo campo de estudo se têm feito investigações desde uma remota data, não se individualizou com autonomia senão no meado do século XIX, graças sobretudo ao labor construtivo de BROCA. Médicos, naturalistas, geógrafos, historiadores da antiguidade trabalharam no seu terreno, mas ARISTÓTELES chamava *antropólogos* aos filósofos que se consagravam ao estudo do espírito humano.

No século XVI, com HUNDT, a palavra Antropologia surge com acepção mais próxima da actual, e os trabalhos anatómicos de MUNDINO e VÉSALE amplificam e corrigem as velhas noções de GALENO, que, pelas suas dissecções em símios, bem pode, aliás, considerar-se o precursor da Antropologia zoológica.

Só, porém, no século XVIII, com a iniciativa de LINNEU, que tenta classificar as raças humanas e ousadamente as incluiu na escala zoológica, e com as classificações e estudos de BUFFON, BLUMENBACH e outros, se intensificam os trabalhos antropológicos, que os esforços de BROCA e outros ampliariam e sistematizariam no meado do século XIX num corpo de sciência.

As viagens e descobertas dos Portugueses nos séculos XV e XVI tinham estabelecido o contacto com raças até então desconhecidas. Os Portugueses revelam à Europa a existência de muitas populações, como numerosos grupos nigríticos e bântus, os Bochimanes da África meridional, os Papuas da Nova Guiné, os Ainos das ilhas Sakhaline, os Índios do Brasil. Várias expedições trazem ao País espécimes dalguns desses grupos étnicos, umas vezes como documentos, outras vezes—infelizmente com mais frequência—como escravos. Crónicas e roteiros assinalam com maior ou menor detalhe e precisão alguns caracteres dos povos descobertos, sendo geralmente sumária a descrição somatológica, que não ultrapassava quasi sempre—com variável rigor—a côr da pele, a estatura e a conformação dos cabelos, e sendo, pelo contrário, mais detalhada a descrição dos costumes.

O *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, falando dos indígenas encontrados pela expedição na baía de Santa Helena e na Aguada de S. Brás, descreve-os como «homens baços, que não comiam senão lóbos marinhos e baleias, e carne de gazelas e raízes diversas, e andam cobertos com peles, e trazem umas bainhas em suas naturas. E as suas armas são uns cornos tostados, metidos em umas varas de azambujo». Falavam «aos soluços», cobriam-se de peles de animais, colhiam mel dos cortiços. Um indígena foi apanhado nesta tarefa. Os *Lusíadas* aludem a êste facto, mas inexactamente chamam *preto* ao indígena:

«Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram pela fôrça, emquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem êle entende a nós, nem nós a êle,
Selvagem mais que o bruto Polifemo...».

É o primeiro contacto de Europeus com os Bochimanes-Hotentotes. A côr não negra, a fala aos soluços, diferente do bântu (que os Portugueses já tinham ouvido), a alimentação de raízes, a rudeza de viver, a própria timidez, distinguem-nos dos Bântus, *negros, de grandes corpos*, que os nossos voltam a encontrar na África Oriental, depois de já, havia muitos anos, terem chegado ao seu conhecimento numerosos grupos da costa ocidental.

PERO VAZ DE CAMINHA, DAMIÃO DE GÓIS, GASPAS CORREIA e outros descrevem também o primeiro contacto da expedição de Cabral com os Índios do Brasil. Na praia da Enseada de Pôrto Seguro aparecem indígenas em completa nudez, «não pretos e de cabelo retorcido como os da Guiné, mas todos de côr baça e cabelo comprido e corrido, e a figura do rosto, coisa mui nova, porque era amaçado». Era gente mansa e corpulenta. Segundo o precioso e detalhado depoimento de VAZ DE CAMINHA, eram de côr parda ou avermelhada, furavam os lábios, pintavam de vermelho os corpos nus, punham penas multicores na cabeça, desconheciam os metais e usavam machados de pedra pulida.

O *Livro de Duarte Barbosa* expõe a geografia e a etnografia do Cabo da Boa Esperança aos confins da Oceânia. GASPAS CORREIA nas *Lendas da Índia*, GARCIA DE RESENDE nas suas obras, fornecem muitas indicações etnográficas. GASPAS FRUTUOSO, nas *Saúdades da Terra*, dá pormenores curiosos sôbre os Guanches das Canárias, hoje extintos, e dos quais também AZURARA se ocupa na *Crónica da Conquista da Guiné*. O jesuíta LUIS FRÓIS descobre os Ainos e apresenta nas suas *Cartas do Japão* a primeira descrição

desta raça. FREI JOÃO DE SANTOS, no fim do século XVI, deixa na sua *Etiópia Oriental* indicações valiosas sobre a etnografia africana. Mas quantos outros relatos, destes séculos e dos seguintes, contêm muitas informações preciosas na matéria!

São importantes e numerosas as contribuições que vários membros da Companhia de Jesus deram, desde o fim do século XVI ao século XVIII, para o estudo dos costumes e línguas de populações da Índia, da Ásia Central, da China, do Japão, da Oceânia, da Africa e do Brasil. Citaremos, por exemplo, relativamente a este último, os trabalhos já referidos do PADRE JOÃO DANIEL e os dos PADRES SIMÃO DE VASCONCELOS, FILIPE BETENDORF e JOSÉ DE MORAIS, JOSÉ DE ANCHIETA, LUÍS FIGUEIRA, MANUEL VIEGAS, etc.

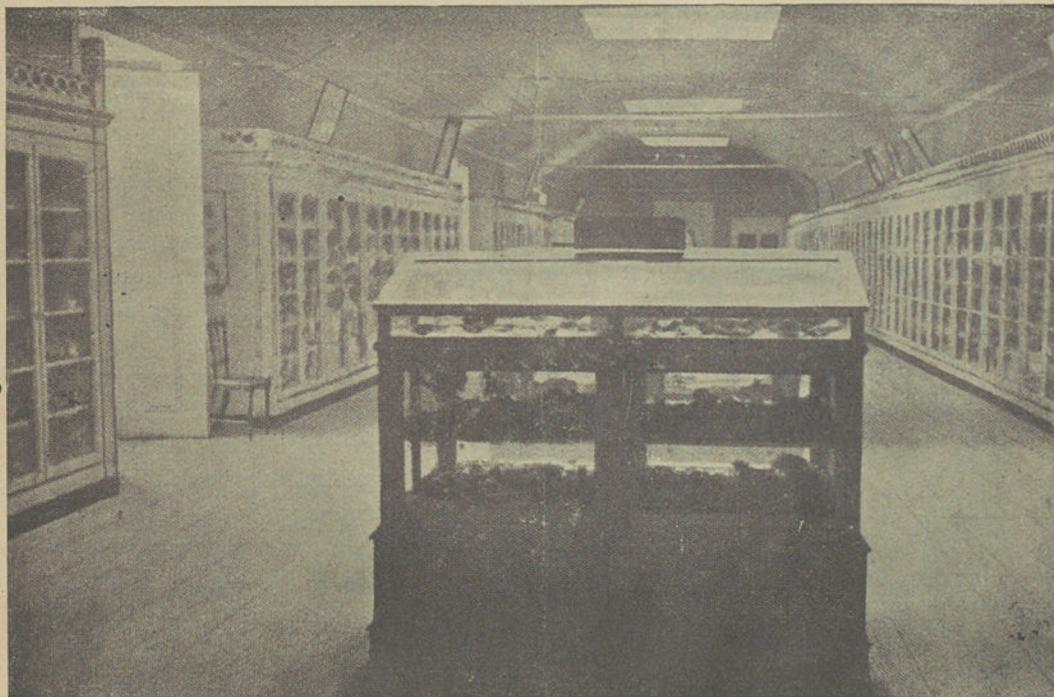
Mas outros investigadores trabalharam valiosamente no século XVIII na nossa etnologia colonial, como o naturalista ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA no Brasil. As observações que nesse século o médico RIBEIRO SANCHES fizera sobre as raças humanas haviam merecido a honra de citação na *História Natural* de BUFFON.

Embora JUSSIEU tivesse, no mesmo século, estabelecido o confronto entre os utensílios dos povos selvagens e os instrumentos primitivos, os estudos sobre a antiguidade do homem não tinham, no nosso País, como, de resto no estrangeiro, outra base que não fôsem as afirmações do texto bíblico ou dos escritores gregos e latinos. Na Academia Real da História, como depois na das Ciências, apareciam dissertações eruditas sobre os antigos povoadores do território peninsular, mas quasi exclusivamente baseadas nas fontes literárias. A ciência pre-histórica ainda não nascera. É de registar que no século XVIII, quando ainda correntemente nos meios cultos, como mesmo hoje nos meios rurais, os machados de pedra pulida eram considerados *pedras de raio*, o oratoriano PADRE TEODORO DE ALMEIDA, embora dizendo fabulosas essas pedras e não conhecendo portanto a sua verdadeira natureza, erguia-se contra a suposição vulgar, contestando que dos raios resultassem tais objectos. No entanto, VAZ DE CAMINHA escrevera em 1500 sobre os Índios do Brasil: «cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em hum pao, entre duas talas muy bem atadas». Era a descrição dos machados de pedra pulida, encabados. TEODORO DE ALMEIDA, porém, ignorava-os ou não os relacionara com as supostas *pedras de raio*.

No século XVIII, entretanto, CONTADOR DE ARGOTE deu, entre outras notícias, a das pinturas pre-históricas do Cachão da Rapa, e, no Alentejo, o bispo D. FREI MANUEL DO GENÁCULO fez investigações arqueológicas importantes, registando, por exemplo, algumas inscrições ibéricas. Das investigações arqueológicas em Portugal bem pode considerar-se remoto precursor ANDRÉ DE RESENDE (século XVI). Quanto à notícia de CONTADOR DE ARGOTE, tem, além do interesse de ser uma descrição de pinturas hoje desaparecidas,

ainda o de constituir a mais antiga publicação de documentos da arte rupestre pre-histórica do noroeste peninsular.

Depois dos meados do século XIX, a Antropologia e a Pre-história começam, sob os seus modernos aspectos, a ter cultores no nosso País e é precisamente, como dissemos, entre os membros da Comissão Geológica que os encontram mais activos. A exploração dos terrenos miocenos e pliocenos do Vale do Tejo fornece a CARLOS RIBEIRO objectos líticos que êle supõe



MUSEU DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL
Sala de Arqueologia Pre-histórica

instrumentos humanos primitivos, com o apoio de MORTILLET e outros pre-historiadores. Prematuramente aquele autor francês baptiza com o nome de *Homosimius Ribeiroi* o hipotético ser que teria fabricado êsses supostos instrumentos. O debate sôbre a questão do homem terciário inicia-se, mas está hoje quasi no mesmo pé, apesar de novas investigações realizadas.

Em 1863, PEREIRA DA COSTA e CARLOS RIBEIRO começam a exploração, ainda hoje por concluir, dos *Kiökkenmöddings* de Muge, que, como a questão anterior, continuam ainda actualmente prendendo as atenções dos investigadores, sendo certo que se trata de um assunto que tem fornecido conclusões positivas do maior interêsse científico, pela época pre-histórica a que êsses

restos se referem e pela abundância de materiais recolhidos. PAULA E OLIVEIRA apresenta ao Congresso de 1880 o primeiro estudo antropológico sobre os esqueletos de Muge.

Outras pesquisas arqueológicas faz a Comissão Geológica: necrópoles de Cascais, grutas de Cezareda, gruta da Furninha, etc. O Congresso de 1880 é a consagração do esforço magnífico dessa pléiade de geólogos-antropólogos e o estímulo para novas iniciativas. Um francês, o eminente pre-historiador CARTAILHAC, que aproveitara o ensejo para estudos na Península, escreve alguns anos depois um importante trabalho de conjunto: *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. O admirável escritor Oliveira Martins publica na mesma época uns *Elementos de Antropologia, As Raças humanas e a Civilização Primitiva*, etc. Uma das excursões do Congresso fôra à Cítania de Briteiros, onde, como noutras estações do Norte, um investigador ilustre, que foi também um iniciador — MARTINS SARMENTO (1833-1899) — realiza, à sua custa e porfiadamente, notáveis explorações. Os materiais recolhidos nestas figuram hoje no Museu da Sociedade vimaranense que tem o nome do eminente arqueólogo e que de há muito vem publicando a *Revista de Guimarães*.

No Algarve, ESTÁCIO DA VEIGA (1828-1891) faz igualmente pesquisas arqueológicas de importância, sobre as quais publica alguns volumes, e, na Figueira da Foz, SANTOS ROCHA (1853-1910), arqueólogo distinto, constitui um centro de investigações pre-históricas, uma sociedade arqueológica e um Museu. Dêste esforço restam o Museu e algumas monografias.

No Pôrto um grupo de jovens entusiastas das sciências naturais organiza em 1887 a *Sociedade Carlos Ribeiro* e funda a *Revista de Sciências Naturais e Sociais* (1890-1898), a que sucederia a monumental revista de arqueologia, etnografia e antropologia *Portugália* (1899-1908), de que foram principais redactores RICARDO SEVERO, ROCHA PEIXOTO, FONSECA CARDOSO e JOSÉ FORTES, distintos investigadores nesses dominios scientificos, aos quais acrescentaremos o nome de VIEIRA NATIVIDADE, de Alcobaca.

Mas a Antropologia somática não tinha ficado atrás da Pre-história. Em 1885 fôra fundada a cadeira de Antropologia e Arqueologia pre-histórica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, cujo professor DR. BERNARDINO MACHADO começa, alguns anos depois, a reunir uma importante collecção craniológica e a estimular os trabalhos antropológicos de alguns alunos.

Entrementes, em Lisboa, o médico FERRAZ DE MAÇEDO (1845-1907), vindo do Brasil, para onde seguira em criança, publica vários estudos de Antropologia física (sobretudo craniologia portuguesa) e de Antropologia criminal, e inicia nos métodos antropológicos alguns jovens investigadores, entre os quais SANTANA MARQUES, autor de um trabalho de conjunto sobre a antropometria das várias províncias do País (1899).

FERRAZ DE MACEDO é uma das figuras primaciais da Antropologia portuguesa. É valiosíssima a série de observações que realizou em mil crânios dos cemitérios de Lisboa, por êle legados ao Museu Bocage, da Faculdade de Ciências da capital, com os importantes registos das medidas efectuadas. Êsses materiais têm sido aproveitados por outros investigadores.

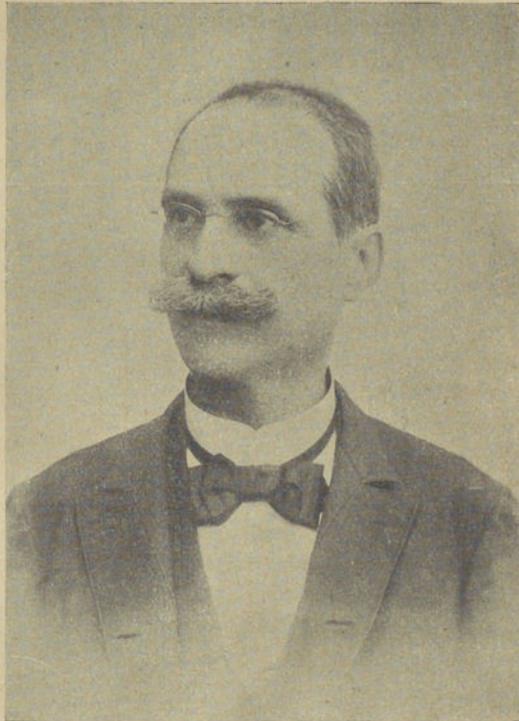
Passou aos olhos dos seus contemporâneos como um excêntrico, mas a verdade é que o seu labor científico, estimulado por sábios estrangeiros, como LOMBROSO, MANOUVRIER, etc., foi altamente útil, e o conceito do vulgo foi grangeado a MACEDO precisamente pelo facto de êle ter sido entre nós um iniciador.

ANTÓNIO AURÉLIO DA COSTA FERREIRA (1879-1922), embora tendo feito o seu curso e começado os seus trabalhos antropológicos na Universidade de Coimbra, foi depois para a capital e bem se pode considerar ali um discípulo e um continuador de FERRAZ DE MACEDO. Possuidor de uma cultura vasta e de nobres qualidades afectivas, morais e intelectuais, publicou numerosos trabalhos sobre variados assuntos antropológicos,

conquistando um merecido renome como cientista e educador. Director da Casa Pia de Lisboa, onde se ocupou de pedagogia e do estudo de anormais e fundou um laboratório de psicologia experimental, foi também Ministro do Fomento, naturalista de Antropologia do Museu Bocage e assistente e professor livre de Antropologia anatómica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Têm particular interêsse os trabalhos que deixou sobre morfologia do esqueleto da face, suturas e capacidade do crânio, e definição de alguns tipos antropológicos que entram na composição da população portuguesa. Morreu em Moçambique em condições profundamente dramáticas, quando iniciava uma missão científica da especialidade naquela colónia.

Falando da Antropologia em Lisboa, deve mencionar-se a fundação do importante Museu Etnológico Português, em 1894, e o formidável labor fi-



FERRAZ DE MACEDO

lológico, arqueológico e etnográfico do seu sábio director, professor LEITE DE VASCONCELOS, que, nas suas revistas *Arqueólogo Português* (fundada em 1895) e *Revista Lusitana* (em 1887), e em numerosos volumes (entre os quais se destacam os estudos de dialectologia portuguesa e as *Religiões da Lusitânia*), tem realizado uma

tarefa de grande valor para o conhecimento das origens e dos caracteres do povo português, devendo publicar em breve um novo trabalho da sua autoria, a *Etnografia portuguesa*. Nas revistas indicadas têm colaborado sôbre assuntos arqueológicos, filológicos e etnográficos muitos outros investigadores nacionais.

Lisboa tem sido, assim, um centro de investigações antropológicas e pre-históricas. Um ano antes do Congresso Internacional, em 1879, as Sociedades de Ciências Médicas e de Geografia tinham criado comissões permanentes de Antropologia. Há cêrca de vinte anos as investigações pre-históricas começaram a intensificar-



INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Aspecto exterior do edifício

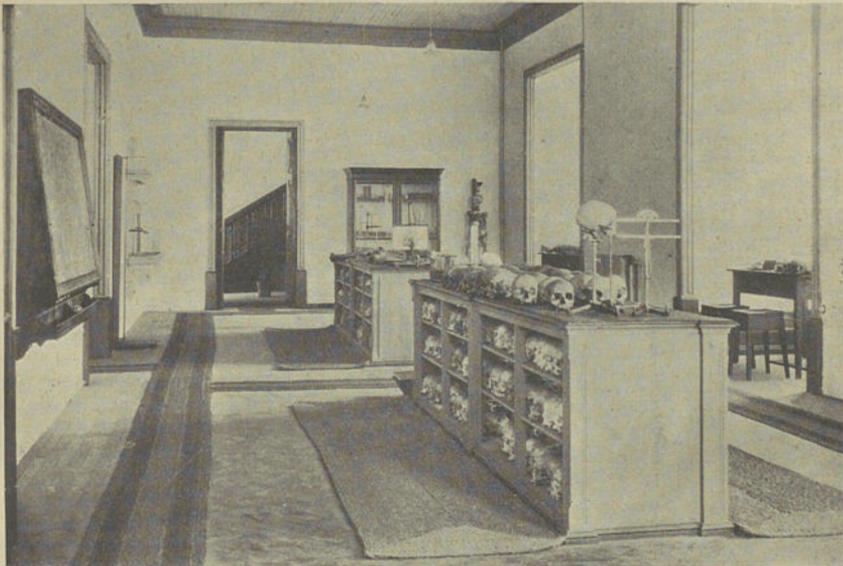
-se de novo, com esforços notáveis que vinham juntar-se ao labor de LEITE DE VASCONCELOS. Em 1916 é fundada uma nova revista com um programa análogo ao da *Portugália*, embora em proporções materiais menos grandiosas, a *Terra Portuguesa*, de que saem alguns volumes, de subido interêsse científico e nacional. A Associação dós Arqueólogos destinou uma das suas secções aos estudos pre-históricos, ali mais intensamente cultivados nos últimos tempos.

À Antropologia anatómica tem consagrado importantes investigações o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da capital, no qual traba-

lhou ainda alguns anos o malgrado COSTA FERREIRA. Aquele Instituto vem publicando, de há anos a esta parte, uma bela revista, o *Arquivo de Anatomia e Antropologia*.

A reforma universitária de 1911 estabeleceu cadeiras de Antropologia não apenas na Faculdade de Ciências de Coimbra, mas também nas Faculdades congêneres que a mesma reforma criou em Lisboa e Pôrto. Êsse facto deu inegavelmente um novo impulso aos estudos de Antropologia em Portugal.

Em Coimbra, há cêrca de trinta anos, congregava-se em tôrno da antiga cátedra de Antropologia um grupo de jovens estudiosos que o professor,



INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Aspecto do laboratório

como dissemos, estimulava em pesquisas de Antropologia física, que foram publicadas, na sua maioria, na revista *Instituto*. Fundara-se mesmo em 1897 uma Sociedade de Antropologia de Coimbra, que parece ter tido curta duração, mas que foi a mais antiga agremiação portuguesa especialmente consagrada a êsses estudos.

Após a reforma de 1911, a actividade antropológica conimbricense restabeleceu-se. Ao Instituto de Antropologia é dada uma instalação melhor. Dêle saem várias publicações, sobretudo de craniometria e osteometria portuguesas. Além de uma importante colecção craniológica, o Museu do Instituto possui uma colecção de etnografia colonial. A Pre-história conta hoje em institutos da Universidade de Coimbra alguns dedicados e proficientes cultores.

Desde 1921, por acôrdo entre os antropologistas portugueses, tem a sua sede em Coimbra o núcleo português do Instituto Internacional de Antropologia, que possui uma delegação na Índia, representada por activos investigadores da Escola Médica de Goa.

No Pôrto, com a suspensão da *Portugália* e a dispersão ou a morte dos seus redactores, os estudos antropológicos sofreram uma interrupção.



INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO

Uma sala do Museu

Mas, graças ao funcionamento da cadeira de Antropologia, criada em 1911 na Faculdade de Ciências, a antiga tradição reata-se com elementos novos.

Do Instituto de Antropologia da Faculdade, cujo pequeno Museu tem secções de antropologia física, etnografia e arqueologia, saem trabalhos numerosos de antropologia geral, de antropologia portuguesa, de antropologia colonial, de etnografia, de arqueologia pre-histórica e luso-romana, etc. Fizeram-se ali as primeiras investigações de grupos sanguíneos nos Portugueses. Vários doutorandos em medicina têm elaborado nesse Instituto teses de antropologia física.

Numa análise bibliográfica, numa revista holandesa, o ilustre antropólogo H. TEN KATE escrevia há poucos anos que Portugal é, depois da Itália,

o país da Europa meridional em que mais se cultiva a Antropologia, e acrescentava que, em Portugal, é hoje o Pôrto o centro mais activo dêsses estudos.

A fundação em 1918, nesta cidade, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que tem tido a mais intensa actividade científica, veio também congregar úteis esforços. A Sociedade realiza as suas conferências e sessões na Faculdade de Ciências e publica uma revista, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, que está no seu quarto volume. O primeiro presidente da Sociedade foi o PROFESSOR LUÍS VIEGAS, que se conservou nesse cargo até o seu falecimento, em 1928.

Deve registrar-se a valiosa colaboração que à Antropologia portuense tem dado nos últimos anos o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, onde têm sido realizados muitos trabalhos de antropologia anatómica, de antropologia colonial e alguns mesmo de etnografia, especialmente sôbre teratologia e medicina populares. O estudo da antropologia das partes moles tem sido ali intensamente efectuado.

A Antropologia criminal não foi apenas cultivada no nosso País por FERRAZ DE MACEDO. Outros estudos têm sido levados a efeito, sobretudo no Instituto de Criminologia de Lisboa, que publica um *Boletim*, e no antigo Pôsto de Antropologia Criminal junto da Cadeia Civil do Pôrto, que chegou a publicar alguns números de uma *Revista de Antropologia Criminal*, e donde saíram vários trabalhos, como têm saído também de algumas tutorias



INSTITUTO DE ANATOMIA
DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO

Aspecto da colecção craniológica

da infância, de outros postos antropométricos, Instituto de Medicina Legal de Lisboa, etc. O ensino da Antropologia criminal faz parte do curso dos médicos legistas.

Nas Faculdades de Letras de Lisboa, Coimbra e Pôrto existem também cursos de Etnologia, para as licenciaturas em ciências históricas e geográficas e históricas e filosóficas. A cadeira de Antropologia nas Faculdades de Ciências pertence à licenciatura em ciências histórico-naturais.

A breve exposição que acabamos de fazer dá uma ideia do labor desenvolvido em Portugal no domínio da Antropologia. Seria interessante aludir ainda a outros esforços isolados de arqueólogos, folcloristas, etnógrafos, etc., em diversas localidades do País. Mas essa resenha alongaria demasiado esta notícia, em que tivemos, pelo mesmo motivo, de omitir uma bibliografia.

Há, sem dúvida, ainda uma vastíssima tarefa a realizar para um conhecimento tam perfeito quanto possível do nosso território e da nossa gente. Mas Portugal não aparece como um país inexplorado cientificamente, tanto na sua área continental como na sua área ultramarina, e, nalguns aspectos, o esforço desenvolvido coloca-nos numa situação honrosa perante as outras nações. Passou ao número das calúnias tendenciosas a asserção de que os Portugueses nada têm feito para uma valorização do País e das colónias, sôbre a base racional do estudo das suas riquezas territoriais e humanas. Se por vezes têm faltado indispensáveis concursos e uma perseverança necessária, há entretanto uma soma importante de trabalho já realizado e há dedicações em exercício permanente, que a carência de certos meios de trabalho põe em nobilitante relêvo perante os investigadores estrangeiros, aos quais não faltam recursos e auxílios, tanto de organizações oficiais como de entidades particulares, de Mecenas inteligentes e generosos, que acodem às deficiências orçamentais dos laboratórios, dos museus, das missões científicas.

Está anunciada para 1930 a realização em Portugal (Coimbra e Pôrto) da 4.^a assemblea geral do Instituto Internacional de Antropologia, que será também o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica. Meio século volvido sôbre o Congresso de Lisboa, a actividade cultural lusitana em tais assuntos justifica de novo a designação do nosso País para sede de tam importantes assembleas científicas internacionais.

A. A. MENDES CORREIA,

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO.





RÓ
MU
LO



1329654556

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

1929